

É assim no sertão: um processo de criação revisitando as memórias afetivas

Es así en el sertão: un proceso creativo revisando los recuerdos afectivos

É assim no aertão: a creation process revisiting the afetive memories

HANNAH GREENHALGH ALVES BATISTA ¹

Colégio Americano Batista, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-2835-1158>

Resumo

O texto trata do processo de criação da tela “É Assim no Sertão”; baseado em uma análise acerca das lembranças evocadas pelo fazer têxtil; das influências das raízes regionais nordestinas na construção imagética, desde os elementos criados até as técnicas empregadas para seu feito. Dessa maneira, revisitando as memórias afetivas e assim descobrindo sua origem, possibilitando o entendimento do potencial artístico por meio de experimentações, para por fim, começar a compreender a própria linha estética enquanto artista em processo de criação.

Palavras-chave: memória; têxtil; sertão.

¹ Artista visual com foco em aquarela, desenho e bordado. Formação teatral pelo Colégio Americano Batista de Recife (PE) e pelo SESC Santo Amaro, Recife (PE). Escritora com ênfase em prosa e poesia, além de experiências com dramaturgia. hannahgreenhalgh@gmail.com - <https://lattes.cnpq.br/1052693269189144>

Resumen

El texto aborda el proceso de creación de la pintura “É Assim no Sertão”; basado en el análisis de los recuerdos evocados por la confección textil; de las influencias de las raíces regionales del noreste en la construcción del imaginario, desde los elementos creados hasta las técnicas utilizadas para su realización. De esa manera, revisitando recuerdos afectivos e así descubriendo su origen, posibilitando la comprensión del potencial artístico a través de experimentaciones, para finalmente, comenzar a comprender su propia línea estética como artista en el proceso de creación

Palabras clave: memoria; textil; sertão.

Abstract

This paper focuses on the creation process of the canvas entitled “É Assim no Sertão”, based on an analysis of the memories evoked by textile making; it also reflects on the regional northeastern roots influences in the imagetic constructions, the created elements and their respective techniques. By revisiting affective memories and discovering their origin, we expect to be able to understand the artistic potential through experimentation, as we start to understand the own aesthetic line for artists in the creation process.

Keywords: memory; textile; sertão.

O Início de tudo

Este artigo refere-se ao meu processo criativo em arte têxtil, mais precisamente em bordado. Trata-se de um relato de experiência, onde transcrevo o meu encontro com o fazer artístico como algo que me tocou profundamente, estimulando em mim o desejo de delinear uma narrativa artística.

Apresento de forma espontânea e cronológica, as motivações que me conduziram pelos caminhos das linhas. Caminho esse que hoje trilho com a certeza do entrelace do meu destino com a arte e a saúde, área que escolhi para minha construção profissional, pois acredito no pleno diálogo da arte com toda e qualquer área do conhecimento científico.

Buscando minhas raízes afetivas artísticas, me vejo ainda muito pequena vivendo entre tintas e pincéis de minha mãe. Sim, minha mãe é artista e artesã. Durante toda a minha infância me vi misturada entre meus brinquedos e materiais de arte, com total liberdade para experimentar todos eles nos mais diversificados

suportes como madeira, papel, tela, tecidos, parede e chão. Sendo assim, da mesma forma em que me via imersa nesse universo, também viajava pelas páginas dos livros de historinhas indo para um mundo de magias e encantos, chegando a passar horas por entre as páginas dos livros; foi assim que cresci, e passei pela primeira fase da minha infância.

Mais tarde, por volta dos 10 anos de idade, os livros ainda me encantavam, contudo, agora era a minha vez de escrever minhas próprias ideias. A partir de então, comecei a produzir contos, poemas, crônicas e peças de teatro, sendo premiada, em diversas edições do evento de literatura da escola, a Literaprosia. Porém, não foi só isso, nesse mesmo período, também comecei a fazer teatro e me dediquei à arte de atuar por mais de cinco anos, inclusive escrevendo e dirigindo peças de teatro na escola. Além disso, o meu olhar sempre esteve voltado também para as artes visuais, me dedicando esporadicamente à pintura e à aquarela. Este breve memorial mostra um pouco de minha relação de afeto com a arte e como essa vivência influenciou as minhas escolhas atuais, esta é a base do meu olhar e sentir a arte.

Hoje, com o bordado, construí uma trajetória artística, que iniciou também de forma afetiva, trazendo como referências as lembranças e memórias de lugares, cores, formas, sentimentos, pessoas, situações e conflitos, que fazem de mim uma artista têxtil em processo de encontros e reencontros. Dessa forma, “a descoberta de si através do ato de bordar é complexa, única e está repleta de reminiscências”, (SOUSA, 2019, p. 68).

O encontro com os lugares e pessoas

O ponto inicial do meu caminhar com o as linhas do bordado, se entrecruza com eventos e lugares que marcaram minha vida, como a viagem de meu avô, a pesquisa de mestrado da minha mãe e o isolamento social devido a pandemia, além de outros que não trago nesse relato.

Tudo começou no ano de 2013, mais especificamente, no dia 3 de Janeiro de 2013, com a mudança de meu avô para a cidade de Triunfo, no sertão de Pernambuco. A curiosidade com o sertão já vinha antes dessa época, mas era pautada apenas em histórias ouvidas, lidas e vistas nos cinemas, ainda assim, tudo me encantou de forma tamanha que a possibilidade de visitar pela primeira vez aqueles cenários tão sonhados, me tomou todas as emoções. Sendo assim, com o passar dos anos, e das visitas constantes e longas, fui me arrematando por cada detalhe da região sertaneja: o céu, a flora, o clima, as estrelas, as montanhas e as

cores...

Alguns anos mais tarde, já totalmente influenciada pelo artesanato triunfense, imersa na arte têxtil do tricô, me vi envolvida diretamente com o projeto de mestrado de minha mãe, *Entre linhas e narrativas: mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida*. Primeiro, por ver de perto trabalhos de tricô, crochê e bordados inenarráveis. Segundo por nele haver relatos de memórias de algumas, hoje senhoras, do colégio fundado por freiras alemãs, o Stella Maris. São lembranças vivas de um período onde as artes têxteis eram ensinadas na escola, visando a educação feminina voltada para o lar.

Essas narrativas foram colhidas por meio de gravações de áudio. Presenciei cada entrevista, auxiliando minha mãe no processo de coleta dos dados, gravações, transcrições das entrevistas e registros de imagens. Estive bem próxima dela nesses processos que envolviam inclusive viagens a Triunfo. Com isso, obtive o privilégio de passar horas imersas naquelas histórias, ouvindo suas confidências permeadas pelas lãs e meadas, e ali, naquele momento, a sementinha das artes têxteis que havia sido plantada em mim há anos atrás, brotou de fato. Sim, há anos atrás quando ensaiei meus primeiros pontos de bordado, mas essa foi uma outra história, que não conto nesse relato. Pois trago aqui as experiências mais recentes, as que foram decisivas no meu caminhar nas artes têxteis, as que foram ativadas pelas lembranças das mulheres que conheci durante a pesquisa da minha mãe. Ao escutar suas lembranças, me identifiquei com o processo criativo do bordado, concordando com Sousa (2019, p.41) quando este diz: “e para localizar uma lembrança neste emaranhado individual da memória não basta um só fio, é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois a memória é um ponto complexo de muitas urdiduras que derivam de tantas outras tramas antecedentes às nossas”.

Contudo, ainda foram necessários mais alguns meses até que eu finalmente pegasse na agulha, no tecido, e fosse ao trabalho de forma permanente; isso aconteceu bem no meio da pandemia. Com a ansiedade a mil, procurando algo para me distrair, de 22 horas da noite abri um canal no youtube chamado “O Clube do Bordado”, composto por 5 mulheres dedicadas a ensinar bordado livre, seguiuse, então uma série de: “Tutorial #1 Materiais de bordado: Agulhas, bastidores e tecidos” e “Bastidor feito em casa #73”, e o resultado era que tinha material, tinha onde aprender, já estava tudo certo, logo mais, comecei a bordar no mesmo dia e fui até quase 1h da manhã enquanto conversava com minha mãe.

O Clube do Bordado começou com um grupo de amigas, vindas de lugares diferentes, que se encontraram em São Paulo, ensinadas e estimuladas por Camila Lopes, a Laís Souza, a Marina Dini, a Renata Dania e a Vanessa Israel formaram

um grupo que se encontrava para bordar, aprender novas técnicas umas com as outras e compartilhar experiências. Mas, elas não pararam por aí, além de participarem de feiras de artesanato e cultura, e de darem aulas presenciais, o clube também possui um canal no Youtube, onde compartilham tutoriais, dicas, conteúdos diversos sobre bordados e arte têxtil; foi nessa plataforma que eu as conheci, comecei a acompanhar e desenvolver essa manualidade, o jeito simples de ensinar, a diversidade de conteúdo para além da prática, passando por conversas sobre feminismo e artesanato, suas referências, sobre ancestralidade e raízes, me conquistaram, sendo assim, essas garotas se tornaram minhas primeiras professoras de bordado. Cada uma com sua própria história, cada uma com suas memórias afetivas do bordado herdado de suas avós, mães e tias. E juntas, compartilham das mesmas experiências e vivências, construindo uma memória coletiva que perpassa as linhas que as uniram. Construindo assim uma memória coletiva, como afirma Halbwachs, reitera Bosi:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo (BOSI, 1994, p. 413).

Diante disso, meu contato com o bordado, através das meninas do Clube do Bordado passou a ser majoritariamente no contexto cultural “sudestino”, devido às origens das participantes do clube.

Porém um dia, assistindo os “stories” de um influenciador cariense chamado Max Petterson, em que ele estava no Quixadá e mostrava as paisagens do Sertão Central do Ceará, fiquei novamente impactada com a beleza, o sertão conhecido por mim era diferente daquele, pois quem acha que sertão é tudo igual, não conhece o Sertão! E aquele era igualmente belo, e extraordinariamente magnífico com seus monólitos gigantes, nunca deixarei de me surpreender com a beleza da minha terra. Sim, minha terra, nesse ponto, já tinha plena consciência de que minha “alma de outro espaço-tempo”, com raízes familiares maternas do Sertão do Pajeú, fazia meu coração sentir pertencimento àquele lugar, não à cidade.

Sendo assim, tratei imediatamente de procurar exprimir isso de alguma forma. Era uma sensação arrebatadora, uma saudade inexplicável. Na hora lembrei do ponto de origem de todo o meu impulso para as artes têxteis. Lembrei-me das senhorinhas do colégio de freiras, das memórias, que não poderia ficar apenas nos meus sentimentos, tinha que ser materializada, experimentada,

como aquilo que Halbwachs teorizou, “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções (HALBWACHS, 1990, p.71).

O Processo se inicia

Nesse mesmo momento, estava fazendo a leitura do livro *Vozes da Convivência com o Semiárido*, organizado por Wedna Galindo, que traz uma série de entrevistas realizadas pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, no ano de 2012, sobre a seca e a construção social do Nordeste. Nele, fiquei surpresa ao perceber como toda essa noção do semiárido ser um local de pobreza, onde as pessoas são vulneráveis, onde a terra é rachada e o clima é hostil, foi construído midiaticamente, iniciando então a “Indústria da Seca”, delimitando o Nordeste como a área de atuação para os IFOCS, Inspeção Federal de Obras Contra a Seca, o que hoje é o DNOCS. Como afirma Antônio Barbosa, um dos entrevistados: “até então, nós ainda éramos Norte, não existia Nordeste, que passa a existir apenas no começo do século XX, para identificar uma região que é seca. Então, o que devemos observar é que a região Nordeste surgiu a partir da seca”. (BARBOSA, 2013, p. 18)

Ao ler esse livro, meu sentimento de indignação de ver essa visão de um sertão opressor, onde há a ideia errônea de sempre tratar o sertão como um lugar pobre, e compartilhar fotos de corpos sertanejos em situação de vulnerabilidade, como se eles tivessem esse direito, se confirmou e concretizou. Toda essa imposição cultural de transformar o sertão num lugar horrível, medonho, que você precisa ter distância, nada mais é do que uma jogada para promover campanhas e promessas de políticas públicas, que não vão sanar a situação-problema. Por essa perspectiva, escolhi mostrar o sertão seco, mostrar como ele é belo, e como deveria ser visitado e admirado, afinal, esse incentivo ao turismo melhoraria com certeza a economia e o social das cidades sertanejas.

Como afirma Barbosa:

O Brasil e o Semiárido serão felizes quando cada família tiver sua água para beber, sua água para produzir, tiver sua semente pra guardar, tiver seus animais para criar, tiver uma educação voltada para essa região, que leve em consideração as suas questões do dia a dia, tendo em vista o que é específico de cada região. (BARBOSA, 2013, P. 26)

Logo, o ponto de partida não poderia ser outro senão: buscar inspirações.

Passei a pesquisar durante horas, várias imagens do sertão; de dia, de noite, com monólitos, sem monólitos, com vários quilômetros de um manto verde bem baixinho, com o chão seco, amarelado e quebradiço... enfim, procurei me familiarizar com o cenário, sentir o cenário, para então poder ter um guia na minha produção. Foi então que percebi dois pontos importantes, a noite e o dia.

A noite sempre havia sido algo muito belo para mim, por haver uma melancolia, uma paz e um conforto indescritíveis. As altas horas sertanejas são únicas, é tal qual o céu dos desertos, estrelado de uma forma que não se é visto em nenhum outro lugar, é especial e emocionante. A noite para mim é pura poesia, cada estrela, as sombras que se formam em desenhos, tudo transborda versos e inspiração.

O dia é a própria vida: agitação, luz, cor, movimento, ele brilha, renova esperanças, é caloroso como um abraço, e claro, como o foco é o firmamento de um local específico, não posso deixar de dizer que a imensidão azul desse local parece o infinito, muitas vezes sem nuvem alguma, é como se estivéssemos olhando uma tela onde um balde de tinta azul caísse, um tom que jamais poderá ser reproduzido de forma 100% fiel. Esse, me lembra a minha mãe, ela sempre gostou de dias ensolarados e sem nuvens. Minha mãe sempre relembra que quando meu avô foi sepultado na terra de seus ancestrais paternos, em Triunfo, o céu não possuía uma única nuvem, era um céu intensamente azul. Apesar da tristeza do momento, o céu lhe trouxe alento. Como se pode perceber na (Figura 1), um céu azul intenso.



Figura 1 - O céu de Triunfo no final da tarde. Fonte: Portfólio da autora.

Com base nessas lembranças e nas relações afetivas com o Sertão, iniciei meu processo criativo. Com o lápis na mão e um pedaço de papel, o risco começou a ser planejado. Primeiro foram feitos dois desenhos, pequenos, passando pouco dos 3 cm, um do sol e outro da lua nascendo de montanhas baixas, como na (Figura 2). Esse foi meu primeiro rascunho nesse sentido de construir um cenário sertanejo.

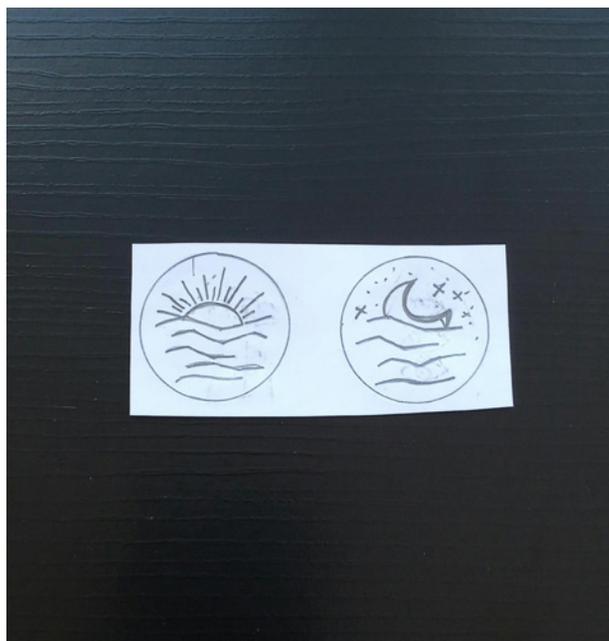


Figura 2 - Primeiro rascunho. Fonte: Portfólio da autora.

Em seguida, mais dois da mesma coisa, porém atrás de monólitos já altos, pontudos e dramáticos, mas depois de feitos, percebi que o caminho devia ser outro, afinal, não era o nascer e o pôr do sol que davam a beleza espetacular daquela abóbada celeste, foi então que a ideia de representar ambos os períodos do dia surgiu, como na (Figura 3), onde experimento outras formas de representar o cenário.

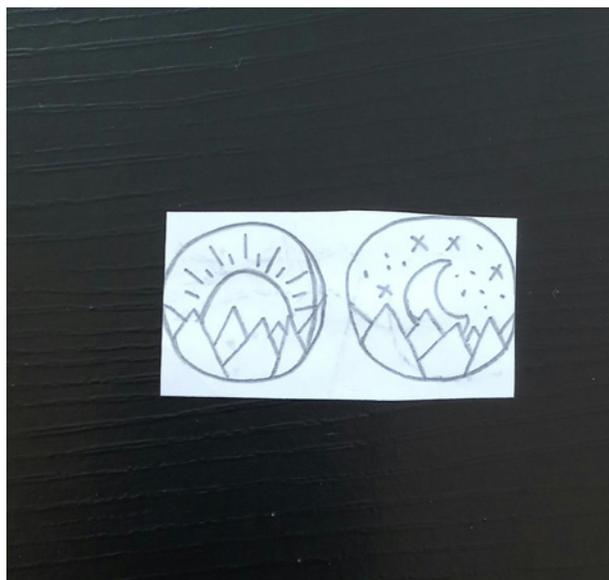


Figura 3 - Paisagem com monólitos. Fonte: Portfólio da autora.

Logo após essa decisão, a ideia inicial seria fazer metade-metade da tela, porém, o rascunho a dividia na horizontal, de forma que dependendo do período escolhido, o outro ficaria de cabeça para baixo, inspirada na teoria da Interpretação de Muitos Mundos - IMM, de Hugh Everett - uma interpretação de mecânica quântica onde há a possibilidade da existência de diferentes realidades alternativas existindo em simultaneidade, envolvendo as teorias da Equação de Schrödinger e do Movimento Browniano (MURR, 2015). O esquema já estava pronto, até as cores já haviam sido escolhidas, contudo, algo ainda me incomodava, algo ainda não parecia estar completo.

Depois de algumas análises, percebi o problema; na IMM os mundos depois de se separarem, jamais voltam a se encontrar. Para mim, a ideia do dia e da noite eram, apesar de distintas, complementares. Então fazê-lo desse jeito, em que um dos lados sempre pareceria inevitavelmente estar em um mundo invertido e paralelo, não abrangeeria o sentimento de completude experimentado por mim ao olhar e vivenciar o sertão. Na (Figura 4) é possível perceber o distanciamento dos dois mundos, não dialogam e são opostos.



Figura 4 - Experimentando a materialização da teoria IMM. Fonte: Portfólio da autora.

Diante da constatação de que os mundos paralelos não contemplavam o que eu desejava retratar, resolvi abrir mão de utilizar como metáfora a Teoria do IMM. Foi assim que surgiu o desenho final: o dia e a noite dividindo o mesmo espaço, com o pássaro sendo a simbologia da união desses períodos tão opostos, como na (Figura 5).



Figura 5 - Esboço com a versão final. Fonte: Portfólio da autora.

Posteriormente a etapa dos esboços, a pesquisa passou a ser focada nos outros elementos que viriam a compor a obra. Sendo o meu conceito focado na cultura sertaneja nordestina. Percebo em Araújo, em seu texto *Tradições sertânicas: por uma pedagogia do fuxico*, os elementos marcantes do sertão, os mesmos que eu já vislumbrava, tanto no aspecto físico como no aspecto humano. Segundo Araújo:

Considerando o horizonte do paradoxal que perfaz o humano, no campo das tradições culturais, dos modos coletivos de entretecer suas lides, os povos desses rincões sertânicos revelam seu espírito altivo de resistência, de engenhosidade e de labuta através dos tesouros extraordinários das mais diversas manifestações que constituem o cotidiano de suas sagas, de suas vidas (ARAÚJO, 2012, p. 2).

O estilo dos componentes escolhido foi a xilogravura, que fizeram parte da minha infância através dos cordéis, que tanto me fizeram rir, que tanto me divertiram e me aproximaram dos contos, lendas e folclores sertânicos. Inspirada na estética de J. Borges, fiz desenhos no papel simulando uma arte em madeira; criei os cactos, as pedras, os astros e o pássaro. Já as montanhas, foram uma interpretação da memória dos grandes montes vistos da janela do carro nas

estradas por onde andei, em minhas visitas ao Pico do Papagaio, e a visão das “muralhas da natureza” que rodeiam a cidade de Triunfo, e nos faz sentir como se estivéssemos no centro de um vulcão. Foi assim que começou minha aventura de pintar essa tela, algo que nem lembro quanto tempo eu não fazia.

Enfim, após as diversas experiências e testes, finalizei a pintura e o bordado como havia idealizado, criando a obra “É assim no Sertão”, como podemos ver na (Figura 6).



Figura 6 - É assim no Sertão. Fonte: Portfólio da autora.

A vastidão da imagem que jorra da palavra Sertão traduz um horizonte de cruzamentos, de encruzilhadas e texturas mestiças, de estampas multicores. Sertão ressoa ser tão intenso, ser de imensidão e de funduras sem fim, desmesuradas. Sertão desborda enigmas insondáveis, confins de desvãos incontornáveis, de larguezas e de lonjuras sem eiras nem beiras, de veredas tortas, de sabores agri-doces, de brenhas e de ermos abissais. (ARAÚJO, 2012, p. 2)

A Fazedura (O Processo).

Decidida a ilustrar de alguma forma essas dualidades, dia e noite, tão contrárias, ambas despertando cada qual sentimentos diferentes, comecei a trabalhar.

O primeiro passo foi decidir o suporte, que acabou sendo uma tela feita com tecido o mais próximo possível do algodão cru, ao qual já estou familiarizada, mas que apresentasse maior rigidez; além disso, a escolha pela tela deu-se à tentativa

de trabalhar com materiais têxteis em outros formatos que não recorte de tecido. As tintas utilizadas foram as acrílicas da marca Acrilex, por apresentarem mais brilho que as de tecido disponíveis naquela ocasião.

O dia:

Pintado com o azul mais saturado que pude encontrar, usando a tinta pura sem nenhuma mistura ou adição, as pinceladas em formas circulares dão a ideia de irradiação do sol; essa mesma intencionalidade foi também aplicada no bordado do astro, pois assim é o sentimento transmitido pela iluminação solar, algo que vai tomando todos os espaços. Saber que a luz luta e chega em todo lugar me passa um sentimento de esperança, sendo assim, as linhas do sol foram bordadas sem nenhuma conexão direta entre si, mas sim formando círculos a partir de um ponto central e se espalham. Vibrante. Expandido. Brillhante.

Sertão ressoa ser tão intenso, ser de imensidão e de funduras sem fim, desmesuradas. Sertão desborda enigmas insondáveis, confins de desvãos incontornáveis, de larguezas e de lonjuras sem eiras nem beiras, de veredas tortas, de sabores agrídoces, de brenhas e de ermos abissais. (ARAÚJO, 2012, p. 2)

A noite:

As pinceladas foram retas, um azul escuro, camada em cima de camada, uma mais fortes que as outras, deitando sobre as montanhas, porque a noite vem devagar, a escuridão é menos “espalhafatosa”, ela simplesmente vai se estabelecendo, e quando você menos espera, a luz do firmamento são agora as estrelas e a lua. Pode parecer um cenário desolador, mas apesar disto, existe um quê de beleza na suavidade com que a noite nos pega de surpresa, e ainda sim, não deixa de nos iluminar, a ideia dos astros bordados foi tentar mostrar para quem não teve a oportunidade de sair da cidade e ver o céu noturno do sertão, o quanto a noite se esforça para permanecer nos dando esperança mesmo em meio às trevas.

Sertão é um não-lugar, um des-lugar, um entre-lugar, um lugar incerto e vesgo, côncavo e convexo, em que se descortina o tempo cíclico dos fluxos rítmicos do sol e da lua; em que se precipitam vidas de seres bravios e bandoleiros, mansos e festeiros. (ARAÚJO, 2012, p. 3)

Os monólitos:

O número 3 é o mais comum do mundo. As pessoas não percebem isso, mas se você parar para olhar ao redor, vai ver 3 em tudo: nas novelas há os triângulos

amorosos, os filmes *infanto juvenis* são protagonizados por trios de amigos, eram 3 as Relíquias da Morte na saga Harry Potter, a Santíssima Trindade... Enfim, o número 3 simboliza o equilíbrio e também é o número usado para pedir socorro. A pintura em si foi uma primeira tentativa em anos de usar tinta acrílica e fazer um degradê; também fazia muito tempo que eu não pintava em tela. Usando conhecimentos básicos de transição de cores, além dos princípios da graduação. Partindo de um marrom escuro, fui adicionando água para um efeito mais suave de transformação do tom, o cume escuro e a base mais clara.

O chão:

Ainda seguindo a mesma linha da pintura dos céus e dos monólitos, não houve mistura de cores, apenas a cor pura. Para conseguir o efeito de uma terra com relevos, a técnica usada foi a diferença da força no pincel, a base de pinceladas leves e corridas, com o instrumento quase solto na mão, enquanto os detalhes contaram com um certo peso, marcando mais as pinceladas. Já os efeitos de sombra foram dados por um risco de hidrocor marrom inicial, e um dedo para espalhar a mancha enquanto ainda estava úmida, dando uma forma mais “esfumada”.

Os elementos:

Admiro imensamente os cactos, por resistirem a um ambiente adverso, não lutando contra ele, mas se adaptando, a leitura do livro, “Vozes da Convivência com o Semiárido” me mostrou exatamente isso, não se resiste lutando contra, mas se adaptando e convivendo. Euclides da Cunha não poderia estar mais certo quando disse: “O sertanejo é antes de tudo, um forte”, o cacto é o maior símbolo disso. As pedras também fazem parte da narrativa sertaneja. Seja fazendo uma alusão às “pedras no caminho” que precisam enfrentar todos os dias, seja sendo uma metáfora para a dureza que é preciso criar para o próprio coração, as pedras são algo simbólico para o sertão: “Somos muito severinos, iguais em tudo e na vida; a de abrandar estas pedras, suando-se muito em cima” (Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto).

Por fim, o pássaro. A projeção de um carcará em traços idealizados, sugerindo uma xilogravura. O Carcará é um pássaro que sempre ouvi muito ligado ao sertão, a música faz parte da minha memória musical da infância, e acho que contribui de certa forma para toda essa imagem de força do sertão, o carcará é o próprio símbolo de força da natureza, acho que todas as aves de rapina o são, como na (Figura 7).



Figura 7 - Carcará unindo o dia e a noite. Fonte: Portfólio da autora.

Pensados para se assemelhar à estética da xilogravura, a técnica usada se baseou em traços retos, os mais fáceis de fazer ao se entalhar a madeira, ainda que a figura representada seja originalmente curvilínea. Para dar a ideia de preenchimento, porém mantendo o minimalismo: ponto areia nas bordas. Além disso, todos os elementos foram bordados com 3 fios de linha de meada preta, sem numeração, na agulha (número 9), usando o ponto atrás, exceto um único detalhe que é o olho do carcará, esse é um nó francês com 3 voltas nas agulha.

A escolha das cores foram baseadas em memórias, não houve nenhuma tentativa de poesia nesse aspecto, apenas quis retratar o sertão como ele é, não é só marrom de terra seca, tem também o azul mais bonito desse Brasil, tenho certeza que o azul da bandeira é o azul do céu sertanejo, coloco minha mão no fogo que Raimundo, Miguel, Manuel e Décio, pensaram exatamente nesse céu quando a criaram.

Consideração Final

Pensar a respeito das motivações impulsionadoras para a construção de tal obra, me aproximou significativamente de memórias afetivas que poderiam ser esquecidas. Reviver momentos, relembrar situações e histórias, aflorou sentimentos antigos, despertou novos, e elucidou tantos outros confusos.

Aprender a olhar para si envolve muito mais que encarar o espelho, envolve encarar seus transbordamentos, suas criações, sejam elas artísticas ou não, todo tipo de materialização em que você depositou um pedacinho da sua essência.

E isso não acaba com a finalização do objeto artístico, pois a cada palavra digitada, mais de mim e da minha obra eu conhecia, eu tinha contato e entendia a essência colocada ali; revisitação é a palavra chave para o autoconhecimento, não só enquanto pessoa, mas enquanto artista, porque às vezes nós simplesmente produzimos o que estamos sentido, porém, de onde vem esses sentimentos? Qual sensação me motivou a criar isso ou aquilo? São perguntas importantes, na verdade, são perguntas essenciais para compreender sua linha artística e sua base de referências. Logo, foi isso que aprendi: minhas referências são populares, minha estética minimalista ganha “outra cara” quando “ajuntada” com as diversidade vibrantes das paisagens, cultura popular e arte sertanejas.

Sabendo de tudo isso, e sabendo também se tratar de um desenvolvimento para a vida toda, concluo esse relato, portanto, afirmando que sou uma artista em processo de criação.

Referências

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de, **Tradições sertânicas: por uma pedagogia do fuxico**. Revista Homem, Espaço e Tempo março de 2012. ISSN 1982-3800

BARBOSA, Antônio. **A construção social do Nordeste**. Vozes da convivência com o semiárido. / organizadora: Wedna Galindo; entrevistas: Catarina de Angola, Daniel Lamir, Laudence Oliveira, Nathália D’Emery; colaboração: Sara Brito. Recife : Centro Sabiá, 2013. p. 16 a 26.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CLUBE DO BORDADO. **Bastidor feito em casa #73**. Youtube, 08 de janeiro de 2020. <https://youtu.be/PGR9xd5Pg38>. Acesso em: 30/07/2021.

CLUBE DO BORDADO. Tutorial #1 **Materiais de bordado: Agulhas bastidores e tecidos**. Youtube, 4 de maio de 2016. <https://youtu.be/AMc-ZwsQjjk> Acesso em: 30/07/2021.

GREENHALGH, Veruschka Pereira. **Entre linhas e narrativas: mulheres que tecem memórias, do Colégio Stella Maris para a vida** / Veruschka Pereira Greenhalgh. – Recife, 2020. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39189>. Acesso em: jul. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MURR, Caroline Elisa. **Muitos mundos e a interpretação ondulatória: re-
vendo a conexão à luz da filosofia schrödingeriana**. Principia: an international
journal of epistemology, ISSN-e 1808-1711, Vol. 19, Nº. 3, 2015, págs. 343-361.
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5381534>. Acesso em: jul.
2021.

SOUSA, Juliana Padilha. **Tramas invisíveis: bordado e a memória do feminino
no processo criativo** / Juliana Padilha Sousa. – 2019.

Recebido 30 jul. 2021.

Aceito 23 set. 2021.



As obras deste periódico estão licenciadas com
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

BATISTA, Hannah Greenhalgh Alves. É assim no sertão: um processo de criação revisitando as
memórias afetivas. Revista CARTEMA, Recife, n. 10, p. 50-66, Abr. 2022.
Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2763-8693.2022.251283>

